

## **ECONOMIA SOLIDÁRIA: a experiência do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá no Município de Sobral- Ceará**

Marcos Adriano Barbosa de Novaes<sup>1</sup>

Maria do Socorro de Jesus<sup>2</sup>

Maria Neusita Tabosa<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo analisar o potencial do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá na busca de, sua subsistência e desenvolvimento da comunidade local, através de suas práticas de economia solidária. Integraram o referencial teórico da pesquisa autores que investigam a temática como Gohn, (2008), Singer, (2002), Bacic (2008) dentre outros. A investigação foi efetivada mediante pesquisa de campo, tomando como lócus o próprio espaço de atuação do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá, utilizando a observação como técnica de pesquisa, registrando todas as informações percebidas, ouvidas, vistas e fotografadas e entrevistas, como instrumentais de coleta de dados. Nosso contato com o Grupo de Mulheres Artesãs Flor de Trapiá, nos possibilitou uma visão ampliada dos movimentos sociais, pois entendemos o quanto os grupos são de significativa importância para a efetivação da sociedade mais justa e igualitária, considerando a articulação desse grupo, com outros grupos e entidades, favorecendo a participação social e a transformação da vida dos indivíduos. As atividades de confecção de objetos artesanais pelo Grupo de Mulheres Artesãs do distrito de Trapiá, Município de Sobral (CE) é, também, uma maneira de difundir a cultura local. A economia solidária almeja não só a geração de renda, mas também, a viabilização do desejo de construção de uma sociedade igualitária e justa, onde todos possam gozar dos seus direitos sociais, como: acesso à educação, à saúde, à informação, saneamento básico, lazer, dentre outros, bem como valorização do ser humano e do seu trabalho, sob o modelo associado com base no associativismo e cooperativismo.

**Palavras-chave:** Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá. Economia Solidária. Desenvolvimento Local.

### **INTRODUÇÃO**

Os grupos sociais no contexto brasileiro têm se destacado de maneira significativa, pela maneira como fazem o enfrentamento das situações de destruição, desrespeito à dignidade humana e massificação das relações sociais geradas pela ambição do capitalismo que, mais do que nunca, exige a organização dos grupos na sociedade civil, enquanto agentes de mobilização e pressão por mudanças e melhores condições de vida e trabalho, direitos sociais de cidadania.

Sobre isso, Rodrigues e Costa (2002) defendem a ideia de que a constituição da cidadania coletiva acontece no momento em que percebemos os interesses contrários e

---

<sup>1</sup> Pedagogo e Pós-graduação em Gestão de Organizações Sociais pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

<sup>2</sup> Coordenadora do Eixo Economia Solidárias na Cáritas Diocesana de Sobral-Ce.

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual Vale do Acaraú, mestre em Gestão Educacional pelas Universidades: Estadual Vale do Acaraú e Internacional de Lisboa- Orientadora deste trabalho.

partimos para a elaboração de estratégias de formulação de demandas e táticas de enfrentamento, desconstruindo com atitudes de cidadania, as tradicionais práticas de burgueses que insistem em conservar o controle social. Neste processo, Brabo e Costa (2008) definem o cidadão coletivo, como atores de movimentos sociais, que buscam em suas reivindicações interesses de coletividade de diversas naturezas, neste coletivo encontram-se os grupos de mulheres que lutam por creches, grupos de moradores empobrecidos que lutam pelo acesso à moradia, ao emprego, à saúde, educação, dentre outros.

Os movimentos sociais vistos, como forma de conquistar a efetivação dos direitos humanos já previstos na Constituição Federal do Brasil de 1988, também têm a capacidade de mobilizar pessoas e grupos que se identificam com as lutas sociais das classes menos favorecidas. Esses direitos sociais vão desde o acesso à educação, à saúde, à alimentação, o trabalho, à moradia e o lazer, até o respeito às orientações sexuais das pessoas. Nesse âmbito, a Cáritas<sup>4</sup> como entidade que atua na defesa dos direitos humanos e na participação da construção solidária de uma sociedade humana, humanizadora e plural, buscando através de suas ações humanitárias, contribuir para a formação dessa sociedade. Ressaltamos ainda, que a Cáritas Diocesana de Sobral (CE) colaborou de forma significativa para esta pesquisa, cujo foco é o desenvolvimento sustentável solidário.

A Cáritas vem contribuindo para o desenvolvimento de alternativas de autossustentabilidade do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá, localizado no distrito de Trapiá, cerca de 20 km do município de Sobral, cujos desafios são a busca por subsistência e desenvolvimento da comunidade local.

Por isso, consideramos de extrema relevância a investigação dessa estratégia de desenvolvimento sustentável e solidário alicerçada na organização coletiva de trabalhadores e trabalhadoras para a conquista da qualidade de vida por meio do trabalho associado, cooperativado.

Nosso interesse pela temática foi despertado mediante estágio realizado em 2013.2 no decorrer do 8º período do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, mais precisamente através da disciplina Estágio Supervisionado em Movimentos

---

<sup>4</sup> A Cáritas Diocesana de Sobral é uma Instituição da Igreja Católica financiada por doações de Instituições Internacionais e recursos humanos compostos por Técnico Agrícola com formação em Ciências da Religião, especialista em meio ambiente, educadoras da área de Recursos Humanos, Ciências Religiosas e Letras, os quais desempenham importante papel social junto aos grupos populares: camponeses agricultores (as), jovens adolescentes camponeses, mulheres e homens urbanos, por meio da economia solidária e agricultura familiar.

Sociais e Educação Popular, oportunidade em que foi desenvolvido um projeto interventivo junto ao grupo de mulheres aqui em discussão. A realização desse estágio tinha como finalidade básica, conhecer uma instituição que atuasse à luz das principais características dos movimentos sociais populares, cujas estratégias de atuação fossem voltadas para o desenvolvimento sustentável.

Sendo assim, a investigação aqui proposta tomou como ponto de partida, as seguintes questões norteadoras: quais os desafios que o Grupo de Mulheres Artesãs enfrenta para a conquista da subsistência e o desenvolvimento da comunidade local? Quais os resultados obtidos pelo Grupo de Mulheres Artesãs Flor de Trapiá através da prática da Economia Solidária?

Este estudo teve como objetivo analisar o potencial do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá para o desenvolvimento autossustentável da comunidade, através de suas práticas de economia solidária, identificando os principais desafios enfrentados pelo Grupo de Mulheres Artesãs na busca de sua subsistência e desenvolvimento da comunidade local, analisando seus resultados, à luz dos teóricos estudados.

A investigação foi efetivada mediante pesquisa de campo, tomando como lócus o próprio espaço de atuação do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá, utilizando a observação como técnica de pesquisa, registrando todas as informações percebidas, ouvidas, vistas e fotografadas e entrevistas, como instrumentais de coleta de dados.

As observações utilizadas como técnicas para coleta de dados, ao mesmo tempo em que valorizam a presença do investigador, também dão espaço para que o sujeito investigado tenha liberdade de participar e enriquecer a investigação (LAKATOS E MARCONI, 2007).

A utilização da entrevista como coleta de dados tomou por base as ideias de Gil (1995, p.90), que afirma ser a entrevista um recurso didático importante por “[...] possibilitar a obtenção de dados a partir do ponto de vista dos pesquisados”. Nesta perspectiva, foram feitas às entrevistadas, perguntas diretas, elaboradas previamente, levando em consideração o nível de letramento dos sujeitos entrevistados.

Quanto à análise dos dados foram levadas em consideração as orientações de Gil (1995, p. 96), descritas no trecho a seguir.

Procura-se verificar se todas as perguntas foram respondidas adequadamente, se as respostas dadas não denotam dificuldade no entendimento das questões, se as respostas correspondentes às perguntas abertas são passíveis de categorização e de análise, complementadas por este mesmo autor.

De acordo com os dados obtidos na pesquisa de campo e devidamente organizados, procedemos a análise de maneira reflexiva, discutindo-os articuladamente, com as teorias estudadas.

Integram o referencial teórico da pesquisa autores que investigam a temática como Gohn (2008), Singer (2002), Bacic (2008) dentre outros.

As ideias presentes neste artigo são apresentadas em dois tópicos: Economia solidária: breve histórico; Economia Solidária: a experiência do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá, Sobral (CE) seguidas das considerações finais do estudo.

## **I. ECONOMIA SOLIDÁRIA: BREVE HISTÓRICO**

A Economia Solidária é uma alternativa de luta dos trabalhadores contra a exploração do trabalho humano, tornando-se assim, opção no modo de produzir. A economia solidária tem sua origem logo após a se origina na Primeira Revolução Industrial, como reação dos artesãos expulsos dos mercados pelo advento da máquina a vapor, “[...] A economia solidária nasceu pouco depois do capitalismo industrial, como reação ao espanto empobrecimento dos artesãos provocados pela difusão das máquinas e da organização fabril de produção. [...]” (Singer, p. 24, 2002). A economia solidária tem como idealizador Owen<sup>5</sup>, o pioneiro em realizar experiências de cooperativas de produção que objetivava melhoria nas condições de vida e de trabalho dos operários na primeira década do XIX.

Owen lutava no sentido de melhoria das condições de trabalho, dentre eles estavam segundo Bacic (2008) a diminuição da jornada de trabalho de 10 horas e o fim dos maus tratos dentro da fábrica, pois na época ainda existiam punições físicas. Construção de escola para atender à comunidade, onde o horário de aula era compatibilizado com o horário de funcionamento da fábrica, contribuindo com a diminuição do trabalho infantil, tendo em vista que “[...] As crianças começavam a trabalhar tão logo podiam ficar de pé [...]” (SINGER, p. 25, 2002) Owen via na escola um local o ponto de partida para uma nova sociedade. Almejando que o um novo paradigma de educação não mais voltada para a competição e o individualismo. .

---

<sup>5</sup> Proprietário de um imenso complexo têxtil em New Lanark foi um industrial que conseguiu melhorar as condições de trabalho dos operários e de vida da população que vivia no entorno da empresa. A partir dessa experiência, após mudar-se para os EUA, resolveu fundar uma comunidade cooperativa, chamada New Harmony (1824), em Indiana, de volta à Inglaterra, originou mais uma, Queenwood (1839), em Hampshire e ainda liderou e influenciou outras experiências e iniciativas visando uma nova sociedade.

Para expandir sua visão de sociedade Owen, criou nos EUA, uma comunidade cooperativa chamada de New Harmony, que era dividida em seis departamentos, mas não houve progresso. Em 1839, Owen cria uma nova comunidade, Queenwood Farm, em Hampshire, também não conseguindo obter o propósito desejado – a autossustentabilidade para qual foi criada e também extinta.

Segundo Bacic (2008) apesar de todos os percalços que Robert Owen teve, ele conseguiu difundir suas ideias com abertura de várias cooperativas, sindicatos e associações de trabalhadores na Inglaterra, para o surgimento de uma sociedade mais justa, com a formação de uma cooperativa em Rochdale<sup>6</sup> (1844), conhecida como os “Pioneiros de Rochdale”, composta por ex-membros das experiências de Owen, com a finalidade de promoverem uma compra coletiva de suprimentos.

As práticas da economia solidária vêm se tornando uma opção de trabalho e geração de renda para as pessoas que, de alguma forma, encontram-se excluídas de seus direitos sociais assegurados constitucionalmente, como: uma educação de qualidade, boa remuneração para o trabalhador, investimentos nos serviços públicos de saúde, saneamento básico. Essas conquistas sociais segundo Singer (2002) compõem a luta das pessoas, que acreditam na economia solidária, como uma alternativa de modo de produção e que tem em seu cerne a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual, pois para estas, a atividade econômica deve ser uma forma de cooperação, ao invés de competição.

Segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) este arranjo econômico-social é caracterizado por quatro elementos: Cooperação, Autogestão, Dimensão Econômica, Solidariedade. Estes elementos são definidos conforme descritos a seguir.

- a) Cooperação é a existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, b) a autogestão todos os participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos. c) Dimensão Econômica é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito. Solidariedade: O caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição

---

<sup>6</sup> Bacic (2008) apud Cunha (2002) a cooperativa de Rochdale foi a primeira a reunir oito princípios, que seriam a base de sua existência: 1) controle democrático (um membro, um voto), 2) adesão aberta a novos membros (desde que integrassem a cota de capital mínima igual aos demais); 3) juros limitados ou fixados sobre o capital subscrito; 4) distribuição das sobras, em dividendos e proporcional às compras na cooperativa; 5) comercialização à vista, sem crediário; 6) venda exclusiva de produtos puros e de qualidade; 7) educação dos sócios nos princípios do cooperativismo; e 8) neutralidade política e religiosa.

dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes [...]. (MTE/SENAES, 2014).

A Economia Solidária nasce dentro destes princípios buscando contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e participativa, tomando por base os empreendimentos solidários e culminando na geração de trabalho e renda. Assim sendo, a “[...]Economia Solidária ou a economia justa é uma alternativa de participação popular e de inclusão social, contrapondo programas e ações de caráter meramente assistenciais e paternalistas [...]” (BORINELLI, 2010, p.102).

Dessa forma, o Fórum Brasileiro de Economia Solidária caracteriza essas práticas, como um diferencial, que se opõe ao modo de produção capitalista. Vejamos o quadro abaixo:

O QUE É A ECONOMIA SOLIDÁRIA	A ECONOMIA SOLIDÁRIA NÃO É
A Economia Solidária é também um projeto de desenvolvimento integral que visa a sustentabilidade, a justiça econômica, social, cultural e ambiental e a democracia participativa.	A economia solidária não está orientada para mitigar os problemas sociais gerados pela globalização neoliberal. - A economia solidária confronta-se contra a lógica do mercado capitalista que induz à crença de que as necessidades humanas só podem ser satisfeitas sob a forma de mercadorias e que elas são oportunidades de lucro privado e de acumulação de capital.
A Economia Solidária exige o respeito à autonomia dos empreendimentos e organizações dos trabalhadores, sem a tutela de Estados centralizadores e longe das práticas cooperativas burocratizadas, que suprimem a participação direta dos cidadãos trabalhadores.	A economia solidária contesta tanto o conceito de riqueza como os indicadores de sua avaliação que se reduzem ao valor produtivo e mercantil, sem levar em conta outros valores como o ambiental, social e cultural de uma atividade econômica.
A economia solidária, em primeiro lugar, exige a responsabilidade dos Estados nacionais pela defesa dos direitos universais dos trabalhadores, que as políticas neoliberais pretendem eliminar.	A Economia solidária não se confunde com o chamado Terceiro Setor que substitui o Estado nas suas obrigações sociais e inibe a emancipação dos trabalhadores enquanto sujeitos protagonistas de direitos. A Economia Solidária afirma, a emergência de novo ator social de trabalhadores como sujeito histórico.
Assim, a Economia Solidária pode constituir-se em setor econômico da sociedade, distinto da economia capitalista e da economia estatal, fortalecendo o Estado democrático com a irrupção de novo ator social autônomo e capaz de avançar novas regras de direitos e de regulação da	A economia solidária nega a competição nos marcos do mercado capitalista que lança trabalhador contra trabalhador, empresa contra empresa, país contra país, numa guerra sem tréguas em que todos são inimigos de todos e ganha quem for mais forte, mais rico e, frequentemente, mais trapaceiro e corruptor ou corrupto.

sociedade em seu benefício.	
Preconiza um Estado democraticamente forte, empoderado a partir da própria sociedade e colocado ao serviço dela, transparente e fidedigno, capaz de orquestrar a diversidade que a constitui e de zelar pela justiça social e pela realização dos direitos e das responsabilidades cidadãos de cada um e de todos.	A economia solidária confronta-se contra a crença de que o mercado é capaz de auto-regular-se para o bem de todos, e que a competição é o melhor modo de relação entre os atores sociais. A economia solidária é uma alternativa ao mundo de desemprego crescente, em que a grande maioria dos trabalhadores não controla nem participa da gestão dos meios e recursos para produzir riquezas e que um número sempre maior de trabalhadores e famílias perde o acesso à remuneração e fica excluído do mercado capitalista.
O valor central é a soberania nacional num contexto de interação respeitosa com a soberania de outras nações. O Estado democraticamente forte é capaz de promover, mediante do diálogo com a Sociedade, políticas públicas que fortalecem a democracia participativa, a democratização dos fundos públicos e dos benefícios do desenvolvimento.	A Economia solidária rejeita as velhas práticas da competição e da maximização da lucratividade individual. A economia solidária rejeita a proposta de mercantilização das pessoas e da natureza às custas da espoliação do meio ambiente terrestre, contaminando e esgotando os recursos naturais no Norte em troca de zonas de reserva no Sul.

Em entrevista concedida ao programa Agenda Econômica da TV Senado, (2014) Paul Singer afirma que “a economia solidária é uma maneira de organizar atividades econômicas, produção, distribuição e consumo”. Na economia solidária, os meios, os empreendimentos econômicos são propriedades das pessoas que neles trabalham, contrariando a ideia de que os trabalhadores, que trabalham em troca do salário, não têm ingerência, pois a relação se dá entre patrão e empregado, não existindo economia solidária. Na economia solidária, não há patrão e nem empregados, todos que trabalham são simultaneamente donos e trabalhadores dos empreendimentos, administram conjuntamente. (ENTREVISTA CONCEDIDA AO PROGRAMA AGENDA ECONÔMICA DA TV SENADO, 2014).

Nessa perspectiva, Singer (2014) diz que os tipos de atividades presentes na economia solidária são: o cooperativismo de crédito, bancos comunitários, fundos rotatórios solidários. Com base nisso, a economia solidária está presente nos seguintes setores da economia: agricultura familiar, extrativistas, quebradeiras de coco, garimpeiros, pescadores, seringueiros e muito forte no artesanato, ponto de que será discutido no item seguinte. Por fim Singer apresenta alguns casos de sucesso da economia solidária no Brasil, por exemplo, UNIFORJA em Diadema São Paulo e Canoas no Rio Grande do Sul na CTMC.

## **A ECONOMIA SOLIDÁRIA: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE MULHERES ARTESÃS FLOR DO TRAPIÁ, SOBRAL-CE.**

A partir da necessidade das mulheres agricultoras da comunidade de Trapiá de se organizarem na busca da subsistência e desenvolvimento local, o Grupo de Mulheres Artesãs foi idealizado em 2005, mas devido à falta de experiência e conhecimentos necessários à prática da gestão e organização do trabalho, somente em 2006, com o apoio da Secretaria de Cultura do Município de Sobral, Empresa estatal e a Cáritas Diocesana de Sobral (CE) através do eixo Economia Solidária ofertaram cursos de capacitação, visando ao desenvolvimento adequado de técnicas de organização do grupo, consolidado em práticas de economia solidária.

A parceria com a Cáritas Diocesana de Sobral foi relevante para o Grupo de Mulheres Artesãs Flor de Trapiá que, a partir daí firmou convênio com o Centro de Artesanato de Fortaleza-CEART, o qual proporcionou cursos de capacitação para as componentes do Grupo e, atualmente, todas as suas participantes têm carteirinhas da Instituição, que confere certificação de excelência aos produtos confeccionados pelo Grupo de Mulheres Artesãs Flor de Trapiá. O contato com o CEART na criação de vínculos com outros grupos possibilitaram a troca de experiências e a compreensão das novas maneiras de organização do trabalho.

O Grupo de Mulheres aqui em discussão tem criado algumas ações, de modo a utilizar materiais recicláveis, tipologias diferentes como: o rechilieu, o crochê, artes gráficas, baseadas na cultura local, como o desenho da flor da planta nativa conhecida como Trapiá, que inspirou a denominação do referido grupo que, atualmente, conta com um contingente de 13 mulheres.

O período dedicado às observações das atividades do Grupo de Mulheres durante o estágio curricular supervisionado e monitorado pela professora responsável pela orientação, acompanhamento e avaliação dos estagiários, na pessoa de Maria Neusita Tabosa e a contribuição da técnica da Cáritas Diocesana de Sobral Maria do Socorro de Jesus foi possível nosso engajamento na dinâmica de atividades do Grupo. Por ocasião de nossas visitas percebemos que o Grupo de Mulheres Artesãs Flor de Trapiá, ainda enfrenta dificuldades. Dentre essas dificuldades evidenciamos: a falta de um espaço físico adequado para realização

de seus trabalhos, pois o mesmo utiliza um pequeno cômodo na casa de uma das componentes do Grupo, desde 2013.

O material produzido pelo Grupo é colocado à venda na Bodega Arcos localizada na Rodoviária de Sobral (CE). Imbuído do compromisso firmado entre os estudantes estagiários do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, o Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá e a Cáritas Diocesana de Sobral, foi realizada uma exposição coletiva dos trabalhos artesanais produzidos pelo Grupo e coordenada pelos estagiários e o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e a coordenadora do eixo Economia Solidária da Cáritas Diocesana de Sobral (CE). Todo o material exposto estava à venda por um preço acessível, oportunizando êxito satisfatório para as finanças solidárias do Grupo.

Neste sentido, Nascimento (2006) destaca que a economia solidária é classificada através de ações concretas, como finanças solidárias, isto é, comércio justo de bens e serviços, integrando a essas ações, a agricultura sustentável, a produção associativa, o comércio equitativo e solidário, a gestão participativa do habitat urbano, diálogos interculturais e sistemas de trocas solidárias. Nessa dimensão, a economia solidária não trabalha somente a geração de renda, ela trabalha também, o bem- viver, enfatizando a questão ambiental, sociocultural, econômica e as relações de gênero, além possibilitar a divulgação da cultura dos trabalhadores, em especial, da prática artesanal.

Segundo Santos (2011, p.21 apud Carvalho, 2001) o artesanato vem sendo uma das ferramentas usadas para buscar respostas aos problemas de “desemprego, fortalecimento e revitalização das atividades econômicas tradicionais” o que, de certa maneira, se torna um mecanismo para assegurar a preservação de valores culturais, ampliação dos conhecimentos acerca das características e valores locais, regionais e nacionais.

Nesse contexto, o Atlas da Economia Solidária, no Brasil (2005) foram identificados 14.954 Empreendimentos Econômicos Solidários-EES em 2.274 municípios do Brasil. A maioria destes empreendimentos se concentra na região Nordeste com 44%. Os restantes 56% estão distribuídos nas demais regiões: 13% na região Norte, 14% na região Sudeste, 12% na região Centro-oeste e 17% na região Sul. No estado cearense temos 1.249 EES, que corresponde 8,4% EES, ou seja, 134 municípios equivalentes 72% dos municípios, dentre eles está o Município de Sobral, que assume a parceria com a Cáritas Diocesana de Sobral (CE).

O Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá já vem apresentando bons resultados na economia solidária local e, em Sobral, com a Bodega Arcos – Artesanato das Comunidades Solidárias, empreendimento solidário, localizado no terminal rodoviário de Sobral, por sugestão da própria Cáritas Diocesana de Sobral (CE), que conseguiu o espaço

para que os artesãos e artesãs pudessem expor seus trabalhos, os quais estão representados por: Artesanato em madeira, bolsas feitas com palhas de bananeira, carnaúba ou coqueiro; bonecos, luminárias, peças de vestuário, chapéus.

Dessa maneira, Bodega ARCOS de Sobral cumpre um de seus princípios voltados para a valorização do trabalho das mulheres, buscando instrumentos que viabilizem a socialização da cultura local.

Com efeito, Demo (1999) faz uma crítica às práticas de solidariedade de cima para baixo e defende que esta, deve ser feita de baixo para cima, como uma das utopias humanas e, mais especificamente, da cidadania. No caso deste estudo, defende-se a cidadania popular, que no dizer deste mesmo autor, permite que a força do conhecimento não se traduza apenas em privilégios da elite, mas em bem comum.

Segundo Demo (2002, p.259), o grande desafio das propostas solidárias “é a capacidade honesta de partir de e de respeitar o ponto de vista de outra cultura”. Em outras palavras, o autor defende a ideia de que “(...) os marginalizados precisam preferir o risco do confronto à tranquilidade ilusória das ajudas e assistencialismos. Solidariedade não é perda de identidade, conformismo, mas negociação interminável de coisas negociáveis (...)” ou a solidariedade como processo emancipatório autônomo das classes populares, também denominado por Demo de “solidariedade de baixo para cima” ( p.265) ou como afirma Paulo Freire “(...) o oprimido não pode esperar sua libertação do opressor” ( 2001, p. 77). Neste caso, o Grupo de Mulheres artesãs Flor do Trapiá vem buscando sua libertação através da organização das mulheres artesãs que, em forma de cooperativista\associativa participa solidária e comunitariamente na construção de suas autonomias no local em que vivem. Para tanto, o Grupo conta com o apoio da Cáritas Diocesana de Sobral, Entidade Ecumênica e de pessoas físicas e de outras instituições de diferentes crenças religiosas, estabelecendo interação com todos no trabalho comunitário.

Embora o Grupo tenha capacidade de produção, vem apresentando dificuldades que consistem na própria participação do grupo nas atividades externas, como venda dos produtos e participação nos cursos de formação que, segundo depoimentos de algumas das componentes do Grupo, “falta um maior compromisso para a produção coletiva dos produtos e uma postura equivocada resultante do fator cultural que, por não ser um trabalho formal, não têm que cumprir horário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nosso contato com o Grupo de Mulheres Artesãs Flor de Trapiá, durante o estágio curricular supervisionado, nos possibilitou a uma visão ampliada dos movimentos sociais, pois os grupos são de significativa importância para a efetivação da sociedade justa e igualitária. Isso nos favoreceu ainda percebermos o quanto os grupos se articulam com outros grupos e entidades, favorecendo a participação social e a construção de uma nova concepção de participação, visando à transformação de suas vidas individuais e comunitárias.

A contribuição da Cáritas Diocesana de Sobral (CE) para com o Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá, animando efetivamente as práticas da justiça e solidariedade libertadora, ao lado dos excluídos e excluídas, assumindo o papel denunciador de toda e qualquer forma de opressão tem sido fundamental para o surgimento o fortalecimento das ações comunitárias.

Nesse entendimento, o crescimento da consciência organizativa do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá é produto de suas lutas para superar seus problemas e aprender a partir da práxis maneiras para construção da autonomia individual e coletiva.

As atividades de confecção de objetos artesanais pelo Grupo de Mulheres Artesãs do distrito de Trapiá no município de Sobral (CE) é, também, uma maneira de difundir a cultura local e subsidiar o processo de sustentabilidade da comunidade social, contando com o apoio das práticas da Economia solidária.

Por fim, a economia solidária se contrapõe ao modo de produção capitalista, pois este sistema contraria a efetivação da democracia. A economia solidária almeja a construção da sociedade igualitária, justa, onde todos possam gozar dos seus direitos sociais, buscando não só, a geração de renda, mas também, a viabilização da liberdade, da vivência da cidadania e à conquista da dignidade humana.

Nossa permanência no Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá durante a realização de nosso projeto de intervenção sociopedagógico e a participação em algumas de suas atividades durante o estágio curricular supervisionado nos favoreceu um aprendizado importante e a vivenciar os princípios da gestão democrática. As decisões são tomadas democraticamente e, no caso da experiência do Grupo de Mulheres Artesãs Flor do Trapiá essas decisões são tomadas em assembleia, com socialização da decisão. Este tipo de prática foge ao modelo uniforme, contrário às práticas das empresas capitalistas, que as decisões são tomadas pelos diretores.

Portanto, na economia solidária busca-se a valorização do ser humano e do seu trabalho, sob o modelo associado com base no associativismo e cooperativismo. Experiência que deve ser fortalecida e ampliada em função da construção da democracia.

## REFERÊNCIAS

- Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005. Brasília: MTE, SENAES, 2006. Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies\\_atlas\\_parte\\_1.pdf](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies_atlas_parte_1.pdf)> Acesso em: 14 mai. 2013.
- BACIC, Miguel Juan. **Economia Solidária**. Disponível em: <[http://www.itcp.unicamp.br/drupal/files/Economia%20Solidaria\\_%20Basic.pdf](http://www.itcp.unicamp.br/drupal/files/Economia%20Solidaria_%20Basic.pdf)>. Acesso em: 29 Abr. 2014.
- BRASIL, Ministério do trabalho e emprego: **Economia Solidária** Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria\\_oque.asp](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp)> acesso em 14 mai. 2013.
- BRABO, T. S.A.M.; COSTA, R. B. **Dossiê: democracia, direitos humanos e educação**. Org. & Demo, Marília, v.9, n.1/2, p. 57-74, jan./dez., 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/orgdemo/article/viewFile/52/235>>. Acesso em 29 abr. 2014.
- BORINELLI, Benilson. **Economia solidária em Londrina aspectos conceituais e experiência institucional**. Londrina: UEL, 2010.
- Caritas Brasileira. Disponível em <<http://caritas.org.br/novo/sobre/>> Acesso em 14 mai. 2013.
- DEMO, Pedro. **Solidariedade como efeito de poder**. São Paulo; Instituto Paulo Freire, 2002.
- Economia solidaria com Paul Singer 1\_3. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Wt4PjIDFUtU>>. Acesso em 15 mai. 2014.
- Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em: <[http://www.itcp.coppe.ufrj.br/rede\\_gestores/pdfs/5\\_principios.pdf](http://www.itcp.coppe.ufrj.br/rede_gestores/pdfs/5_principios.pdf)>. Acesso em 10 mai. 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Vozes, 2001.
- GADOTTI, Moacir & GUTIERREZ, Francisco (Org.). **Educação comunitária, economia popular**. São Paulo – SP: Cortez Editora, 1993.
- GIL. A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. – 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.
- NASCIMENTO, Edson Ronaldo. **Princípios da Economia Solidária, 2006**. Disponível em: <[http://www.editoraferreira.com.br/publique/media/edson\\_toque7.pdf](http://www.editoraferreira.com.br/publique/media/edson_toque7.pdf)> Acesso em 16 mai. 2013.
- RODRIGUES, Antonia Brito; COSTA, Nadja Maria Castilho da. **A mobilização popular e comunitária para a implantação de programas de educação ambiental, 2002**. Disponível

em: < <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/118/119>>. Acesso em: 25 mai. 2013.

SANTOS, Thiago de Sousa. **Desenvolvimento local e artesanato:** uma análise de dois municípios de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br/jspui/bitstream/1/306/1/DISSERTACAO%20Desenvolvimento%20local%20e%20artesanato%20%20uma%20an%C3%A1lise%20de%20dois%20munic%C3%ADpios%20de%20Minas%20Gerais.pdf>> Acesso em: 14 mai. 2013.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.